UNIVERSIDADE
ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

UNESP/FCL - Araraquara

"Formação e rompimento dos laços afetivos"

ARARAQUARA
2010

“Formação e rompimento dos laços afetivos”

Monografia apresentada para o Curso de Psicopedagogia Clínica e Institucional para obtenção do Título de Psicopedagoga Clínica e Institucional

Discente: Alessandra Fabiana Giliolli Goos

Orientador: Prof. Dr. Paulo Rennes

ARARAQUARA
2010

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus queridos pais Vicente e Nadir Meca, sem os quais eu não teria conseguido concluir meu curso de pós-graduação; ao meu orientador Prof. Dr. Paulo Rennes cuja paciência e compreensão foram indispensáveis para a conclusão deste trabalho; ao meu marido Luis Fernando Giliolli Goos e minha filha Júlia Meca Giliolli Goos pela também paciência e compreensão da minha ausência nesse período; e a todos os amigos que direta ou indiretamente contribuíram para que essa monografia se realizasse, em especial minha grande amiga Cristiane Guzzi.

Os artistas nos permitem permanecer vivos quando as experiências da vida ameaçam destruir nosso sentido de uma existência real e viva.

D.W.Winnicott

RESUMO: Esse trabalho tem por objetivo expor as consequências das formações dos vínculos afetivos para a vida de uma criança em desenvolvimento. Baseando-se em pesquisas bibliográficas, autores como Dolto, Dowlby, Campos e, principalmente, Winnicott foram explorados. Segundo Winnicott, os vínculos afetivos que são formados desde o nascimento do bebê são de extrema importância para o desenvolvimento emocional sadio de uma criança e, consequentemente, para que ela se torne um adulto completo e sem problemas. O papel que a mãe desempenha primeiramente com o bebê de maneira insubstituível, o papel da família com um todo, da escola e, por conseguinte, da interação da criança com a sociedade é de fundamental importância para seu crescimento saudável. Entre esses papéis, o de maior grandeza dar-se á com a família estruturada e sem desajustes conflitantes para a criança. De acordo com Dolto, a separação do casal na família constitui o maior eixo de desajuste ao qual a criança reagirá de maneira problemática, acarretando consequências sérias em sua vida futura. Até mesmo o luto teria um papel menor do que o problemático resultado de uma separação; principalmente, se esta não for pacífica. Campos, na sequência, vem colaborar na teoria de análise do desenho onde é possível investigar e reconhecer os retratos da família na expressão que a criança cria com a folha em branco, expressão esta reveladora e conclusiva em muitos casos de investigação de transtornos de aprendizagem e personalidade. Nesse sentido, com esse estudo será possível não só observar melhor as condutas dentro de uma família, desde o nascimento da criança, e conduzir de modo mais assertivo o seu desenvolvimento emocional produzindo, desta forma, adultos mais saudáveis em suas emoções, como também solucionar problemas quando os vínculos afetivos sofreram deficiências ou mesmo rupturas em seu desenvolvimento.

PALAVRAS-CHAVE: vínculo afetivo; mãe; família; desenvolvimento emocional; separação; desenho.

SUMÁRIO

1. Introdução

Esse estudo tem por objetivo estudar como os laços afetivos se formam desde o início da vida do indivíduo; sua construção ao longo dos anos; sua boa formação; deficiências nessa construção e até mesmo as conseqüências de uma ruptura desses laços, principalmente, nos casos de separação dos pais e destruição da estrutura familiar tão necessária à criação dos vínculos afetivos saudáveis.

Nesse estudo será mostrado como são formados os laços afetivos desde antes do nascimento do bebê e quais as consequências que podemos consequentemente, observar na criança maior ou mesmo no adolescente quando esta formação teve um bom embasamento e, portanto, obteve sucesso ou quando negligenciada essa formação, esperamos graves consequências, delinquência juvenil e, até mesmo adultos com sérios problemas de personalidade e transgressão às leis e que acabam desenvolvendo a insanidade mental em casos mais específicos. Outros problemas aparecem já na vida escolar da criança, comprometendo seu desenvolvimento tanto no aspecto emocional, como também no que concerne às dificuldades de aprendizagem, em especial o transtorno de déficit de atenção que contribui muito para o agravamento do referido problema.

Como embasamento teórico dessa pesquisa foi utilizado as teorias de D. W. Winnicott sobre a formação dos laços afetivos na vida da criança, desde o seu nascimento até a fase escolar; a família como principal personagem atuante nessa formação e a vida em sociedade, principalmente na escola onde o papel da criança, dos colegas e do professor não foi esquecido. Freud, antes mesmo de Winnicott, já abordava o tema dos vínculos afetivos, não tão especificamente, mas já tateando esse terreno, uma vez que a estrutura da família e o papel da criança nesse contexto eram diferentes e,

portanto, talvez por essa razão, a abordagem não tenha sido tão específica em relação à interação da família com a criança.

Françoise Dolto, mais especificamente, nos fornece materiais quanto ao problema da separação dos pais, inferindo, assim, um desfazimento da estrutura familiar, acarretando graves problemas para a criança principalmente se mal administrado.

Outro autor de importância a ser considerado é John Bowlby que trata também da formação e rompimento dos laços afetivos, em especial os problemas de comportamento que isso acarreta.

No que concerne a análise do desenho, o principal embasamento teórico veio de Dinah Martins de Souza Campos usando o teste do desenho como instrumento de diagnóstico da personalidade auxiliando, assim, todos os envolvidos na pesquisa quando mostrava-se necessário mais dados sobre a criança para entender seu processo de sofrimento por conta de muitos fatores em sua vida, principalmente em relação à desconstrução dos laços afetivos. Essa desconstrução muitas vezes cria bloqueios na criança que só consegue expressar-se através da folha em branco. Sua expressão oral é muitas vezes reprimida pelo turbilhão avassalador de emoções pelas quais atravessa em casa, na escola e na sociedade.

2. A formação da criança – Os laços afetivos

2.1. Como são construídos os vínculos afetivos no mundo da criança

Um adulto normal, mentalmente e emocionalmente saudável, é o que todos desejamos ser. A construção deste indivíduo começa, segundo Winnicott, desde o nascimento do bebê e seu primeiro contato com sua mãe. (WINNICOTT, 2008)

Refiro-me, aqui, exclusivamente, a mãe, mas sei perfeitamente que principalmente com as grandes mudanças que ocorrem atualmente na sociedade, afetando principalmente as relações familiares, poderíamos chamar essa “mãe” de cuidador ou cuidadora, simplesmente aquele que cuida do bebê. Entretanto, como a boa ou a má formação dos vínculos afetivos da criança dependem da dedicação constante e ininterrupta daquela que cuidará do bebê, Winnicott (2008) atribui à mãe quem melhor realizará essa recompensante tarefa como veremos mais a seguir.

Contudo, acontecimentos fatais durante uma existência nos acometem e para tanto quando uma mãe vier a faltar, não por negligência, mas por uma fatalidade, o pai ou mesmo a avó ou ainda algum outro membro da família que se dispuser a tomar conta do bebê que ficou sem a mãe e o fizer com total dedicação, não poderá ser acusado, inconsequentemente, de não ter cumprido sua tarefa de maneira que a mãe, ela mesma, tivesse realizado esse feito. Nesse sentido e entendendo da mesma forma que Winnicott (2008) afirmara, usarei, aqui, a palavra mãe para designar aquela que cuida do bebê, provê seu sustento físico e emocional.

A mulher está grávida. Antes mesmo que ela tome conhecimento desse novo mundo que surge em sua vida, o bebê já começa a ganhar vida, forma e percepção das coisas que o cerca e, quando mais desenvolvido, do mundo exterior ao ventre materno.

É desde o mais remoto início desta existência que esse pequeno ser reage às emoções pelas quais a mãe passa. Serão nove meses em que o bebê vai se acostumando a ouvir as vozes daqueles que estarão por perto quando chegar à hora dele nascer. As emoções da mãe não são menos percebidas. Quando a grávida está tranquila e satisfeita, o bebê sente que seu mundo está em perfeita harmonia. São inúmeras conexões neurais, enzimas e hormônios liberados na corrente sanguínea que realizam maravilhas na formação do feto. Calmo, tranquilo e sem agitação, ele se desenvolverá de modo que nada o atrapalhe. Isso determinará a maneira tranquila que ocorrerá o parto, caso a mãe não possua nenhuma doença pré-existente; determinará, também, a tranquilidade dos intervalos das mamadas e até a qualidade do sono do bebê. Durante os nove meses, tudo de aflitivo pode começar a ser trabalhado de modo que tudo ocorra com tranquilidade e contribua para uma vida boa para o bebê. Um bebê que teve sua gestação **na sintonia de uma perfeita ordem** será um bebê que dorme bem, sem interrupções desnecessárias ao sono. Ele acordará sem estar ansioso ou agitado para mamar. Apenas estará com fome e, então, sem ansiedade, pegará o seio da melhor maneira ou poderá ser guiado pela mãe, tranquilamente, para que isso ocorra sem problemas. Será apenas fome e não ânsia por mamar. Sendo assim ele não acorda várias vezes antes do tempo adequado para se alimentar, como se o leite da mãe não fosse suficiente para saciar sua fome. Com a fralda limpa e a fome saciada, a criança tranquila não tem motivos para acordar de um sono que tem a função de prover tudo o que seu organismo precisa para crescer forte e saudável.

Todavia, aquele bebê que teve uma mãe agitada, ansiosa, preocupada e, até mesmo, irritada e nervosa durante toda a sua gestação, terá todos os requisitos para um parto difícil ou mesmo com sérios problemas. Esse bebê com uma gestação sempre agitada onde a mãe passava a ele todos os hormônios e enzimas de sua ânsia ou estresse

aprendeu a sempre estar ansioso, esperando algo eminente acontecer. Seu sono será sempre agitado, marcado por despertares repentinos e, então, consequentemente, o bebê não conseguirá distinguir se nesses intervalos de sono, já é hora de mamar porque está com fome ou ansioso demais para esperar pelo tempo aproximado entre uma mamada saudável e outra. Dotado, então, de uma ansiedade extrema, será até mesmo dificultoso o processo de pegar o seio da mãe de maneira correta de modo a não engolir ar demais e leite de menos, causando, desse modo, cólicas, e sem a quantidade de leite correta, o que culminará em fome e em despertares mais frequentes para uma nova mamada. Sabemos, é claro, que este não seria o único fator contribuinte para o surgimento das cólicas, mas, sim, o entendemos como um grande determinante e/ ou agravante.

Vimos de maneira simples como o bebê é influenciado desde o ventre materno. Passaremos, então, para a fase após o seu nascimento, logo nas primeiras mamadas.

A mulher que prezava sua liberdade para trabalhar fora e se divertir nas horas de lazer, vai cedo descobrir que a privação de tudo em benefício de um pequeno e indefeso ser vai agora reger toda a sua vida. Esse pequeno ser será como escreveu Melaine Klein "sua majestade, o bebê". Todas as suas necessidades serão atendidas pela mãe, mesmo cansada, de maneira pronta e inquestionável. Não importa se a mãe é ou não uma mulher inteligente, instruída ou tão pouca experiência de vida que possuir. A verdade é que nada disso conta para o fato de ser, ou não, uma boa mãe. Não é estranho que algo tão importante como ser mãe dependa tão pouco de uma inteligência?

Para que os bebês se convertam, finalmente, em adultos saudáveis, em indivíduos independentes, mas socialmente preocupados, dependem totalmente de que lhes seja dado um bom principio, o qual está segurado, na natureza, pela existência de um vínculo entre a mãe e o seu bebê: amor é o nome desse vínculo. Portanto, se você ama o seu filhinho, ele estará recebendo um bom princípio. (WINNICOTT, 2008, p. 17)

Quanto à alimentação do bebê, muito se tem discutido durante a história, visto que nos tempos mais remotos, acreditava-se que se, por exemplo, o bebê tinha raquitismo ou algum problema intestinal, era devido ao leite materno não ser bom. Hoje, com a quantidade de informações que dispomos, sabemos bem que não há nada melhor para a alimentação do bebê que o leite materno e do ponto de vista nutricional, sabemos que aquela mãe que, por ventura, tiver algum problema em que ela não possa amamentar o bebê, também não há motivo para pânico se ela puder comprar um bom leite no mercado. Não há o que temer quanto à nutrição, os leites disponíveis no mercado possuem toda a sorte de nutrientes que o bebê precisa. Mas seria a alimentação somente o ato de nutrir?

Não só Winnicott, mas precisamente ele, discutiu muito a importância da amamentação para a relação entre a mãe e o bebê. Essa prática é considerada a primeira e mais significativa relação na construção dos laços afetivos. *"*Todo o processo físico funciona precisamente porque a relação emocional se está desenvolvendo naturalmente*".* (WINNICOTT, 2008, p.33)

Imaginem afastar um bebê do contato de sua mãe por alegações de que se precisam fazer exames ou tomar vacinas ou, ainda, preencher informações desnecessárias naquele precioso momento em que o bebê se desliga da mãe no nascimento e procura o reencontro de maneira desesperada. O que deveria ser crucial neste momento?

Nada pode ser mais importante para mãe ou para o bebê que o contato entre mãe e filho. É a relação mais profunda de amor e, portanto, um dos mais importantes alicerces para a segurança e tranquilidade do bebê. A amamentação não é um ato mecanizado e para que produza o efeito esperado, não deve ser mecânico o

procedimento realizado, em outras palavras, a amamentação não terá o mesmo efeito se a enfermeira der a mamadeira desinteressadamente e, após terminar, devolver o bebê para mãe ou ainda pior: colocá-lo para dormir. Onde estaria o estabelecimento de vínculo afetivo neste ato mecanizado? Ou mesmo nos hospitais, onde insistem em embrulhar o bebê que não pode usar as mãos para sentir o contato com sua mãe? Na amamentação todo cenário criado em torno da mãe e seu bebê é importante. A vivacidade com que a mãe toma o bebê nos braços, o carinho com que o abraça e conversa com ele, o ato de deixar suas mãozinhas livres para que toque seu seio, seu próprio rosto, esse contato, essa relação entre mãe e filho, é extremamente importante na construção dos laços afetivos iniciais.

Para que a amamentação se torne, de fato, o primeiro importante passo para a formação dos vínculos afetivos, a amamentação só poderá ter horários estabelecidos quando essa relação que deve ser incentivada ocorrer de maneira natural. Se o bebê quiser mamar e sua mãe não o fizer porque ainda não é a hora, quero dizer, não chegou o próximo horário da mamada (a cada três horas, aproximadamente), o bebê sentirá uma grande angústia, uma ansiedade que só é restabelecida se a mãe decidir amamentar o bebê, quando exigido, por um certo período, voltando aos horários regulares quando possível, sem pressão. A base de aceitação da realidade externa é o primeiro período em que a mãe obedece às necessidades do bebê de maneira natural e a aceitação de um mundo exterior a ele começa a se formar tranquilamente. A alimentação infantil bem sucedida é parte essencial para a educação da criança.

Por outras palavras, a única base autêntica para as relações de uma criança com a mãe e o pai, com as outras crianças e, finalmente, com a sociedade, consiste na primeira relação bem sucedida entre a mãe e o bebê, entre duas pessoas, sem que mesmo uma regra de alimentação regular se interponha entre elas, nem mesmo uma sentença que dite que um bebê deve ser

amamentado ao peito materno. Nos assuntos humanos, os mais complexos só podem evoluir a partir dos mais simples. (WINNICOTT, 2008, p.36)

Ao cabo dos nove meses, aproximadamente, o bebê inicia suas brincadeiras de atirar as coisas que tem na mão no chão e espera que sempre tenha um adulto que possa apanhá-las. Essa brincadeira, em especial, nos mostra que o bebê está apto a se desvencilhar de algumas coisas; se a amamentação teve êxito, o bebê por si só será capaz de produzir um desmame tranquilo. É a capacidade que o bebê tem de abandonar as coisas e nos aproveitando disto, é a hora perfeita para introduzir um desmame sem problemas, sem que pareça obra do acaso, mas uma evolução nos vínculos já estabelecidos. Nesse caso a amamentação com sucesso produziu, ao longo do período, experiências mais que suficientes para que o bebê tenha bons sonhos e ótimas recordações, habilitando-o a aceitar os riscos de maneira mais saudável. O desmame é a demolição gradual das ilusões, que é parte das tarefas que devem ser realizadas pelos pais. (WINNICOTT, 2008)

Quando observamos um bebê que adquire algo que quer, brinca um pouco e depois o abandona, jogando no chão como é de costume um bebê fazer, concluímos que esta criança foi de uma ponta à outra da experiência, podendo vivê-la desde o seu começo, seu meio e seu fim e iniciando uma consciência sobre o tempo total. Quando estamos apressados e ansiosos, não permitimos ao bebê vivenciar acontecimentos completos e o desenvolvimento e a noção de tempo deste ficam prejudicados. É essa vivência que permite ao bebê construir a consciência de que o que está em marcha terá um fim. O meio dos acontecimentos só poderá ser tolerado se houver a idéia de que existe começo e fim. Dessa forma a mãe propicia a capacidade para o bebê ser capaz de desfrutar todas as experiências.

Essa riqueza de experiências sobre o que o bebê quer fazer ou o que quer segurar ou soltar, não sabemos precisamente quando começa, visto que podemos observar um bebê de apenas três meses tentando levar seu dedo ou sua mão ao seio da mãe, mas por volta dos seis meses, quando essas preferências ficam mais claras, é nesta época que a mãe deve ser precisa sobre o que proibir para que a criança não fique sem saber seus limites. Sabendo que o bebê colocará tudo à boca, deve a mãe deixar perto dele somente coisas que ele possa levar à boca, para que toda a ação do bebê para descobrir o mundo não se transforme numa eterna sequência de "sonoros nãos", confundindo-o. A mãe, desta forma, evita que o bebê fique desorientado sobre o que é bom ou mal para se tocar e aos poucos vai dizendo pequenas falas como "é quente", "isto corta", até que ele aprenda o que realmente não deve fazer porque representa perigo. Sempre que for possível, a mãe deve explicar o porquê das coisas ao seu filho de maneira a produzir entendimento e não obediência cega às ordens.

Desfrute encontrando o que há para encontrar, à medida que aparece da pessoa que o vosso bebê é, porque ele precisa isso de você. De modo que você esperará, sem pressa, precipitação ou impaciência, que o bebê queira brincar. É isso, sobretudo,o que indica a existência de uma vida interior pessoal no bebê. Se ele encontrar em você uma correspondente disposição lúdica, a riqueza íntima do bebê desabrochará e as brincadeiras entre a mãe e o bebê tornam-se a melhor parte das relações entre ambos. (WINNICOTT, 2008, p.88)

Uma evolução onde a família fornece bases para a segurança da criança, sem desvios ou entraves, proporcionará indivíduos saudáveis emocionalmente.

Quanto ao desenvolvimento da moralidade na criança, o início se dá aos seis meses de vida quando surge a necessidade de separação do objeto por parte da criança quando o atira ao chão. Inicia-se, portanto, a capacidade de destruição. É essa a hora em

que a mãe tem a oportunidade de integrar os impulsos de atacar e destruir e de dar e compartilhar, humanizando a moralidade do bebê. Essa dedicação sem pressa e de maneira humana com que a mãe integra esses sentimentos no bebê vai formando, gradualmente, na criança a noção de responsabilidade, que a esta época é ainda o sentido de culpa. Essa fase dura dos seis meses aos dois anos e a mãe por perto para mediar essa relação e essa confusão de sentimentos desordenados que surgirão, irá definir a idéia, por parte da criança, que ela pode amar e odiar um objeto ao mesmo tempo.

A criança torna-se gradativamente apta a tolerar o sentimento de angústia (culpa), a respeito dos elementos destrutivos nas experiências instintivas, porque sabe que haverá uma oportunidade de recompensar e reconstruir [...] O equilíbrio aí implícito acarreta um sentido de justo e de errado mais profundo do que quaisquer normas meramente impostas pelos pais. (WINNICOTT, 2008, p.108)

Até agora muito da construção da saúde mental de uma criança foi atribuída à mãe, mas somente para explicar seu papel. Sabemos perfeitamente que o pai constitui um papel não menos importante na consolidação de todo o amor e dedicação que a mãe vem construindo através de seu primeiro contato com o bebê que é a amamentação. Toda mãe sabe que no dia a dia com o bebê muita coisa se aprende e aquilo que possa parecer sem sentido ou importância para quem está fora, é extremamente interessante para a mãe dividir com seu companheiro e mesmo ouvir-lhe a opinião, mesmo que ainda não concorde. Quando o bebê cresce, a riqueza de detalhes aumenta e então os vínculos entre mãe e pai se estreitam cada vez mais.

Quando o pai entra em cena, é esperado pela mãe que o bebê reconheça no pai sentimentos que ele associa a mãe como carinho, ternura, prontidão, paciência, ou seja,

se o pai tiver afinidade nas ações com a mãe, rapidamente o bebê aceitará esse novo ser em sua vida, e será um grande alívio para mãe poder compartilhar isso com seu companheiro e seu bebê. No momento em que o pai está em casa e participa das brincadeiras das crianças, oferece com suas habilidades diferentes recursos para que a criança possa intercalar em diferentes momentos de suas brincadeiras acrescentando sempre novos elementos.

Essa não é a única maneira em que o pai se torna importante. Um lar onde há união entre os cônjuges promove paz e segurança social ao desenvolvimento do bebê e a criança cresce segura e feliz

O pai é também o ser humano que apóia e sustenta a mãe em sua autoridade com a criança promovendo estabilidades nas relações triangulares.

> A criança está constantemente predisposta a odiar alguém e se o pai não estiver presente para servir-lhe de alvo, ela detestará a mãe e isso confundi-la-á, visto ser à mãe que a criança mais profundamente ama.(WINNICOTT, 2008, p.130)

Quando pai e mãe unem-se na criação do filho está montada a base para um bom lar e, por conseguinte, para o desenvolvimento normal da criança. Mas o que chamaríamos de uma criança normal? Seria aquela que nunca se zanga, não demonstra raiva ou frustração ou mesmo não tem seu momento que os pais chamariam de rebeldia?

Mesmo a criança sadia de corpo e com intelecto excelente, não necessariamente é considerada normal. O que precisamos saber é se sua personalidade e seu caráter se desenvolvem de maneira adequada. Se seu desenvolvimento emocional foi comprometido ou houve algum problema, a criança precisará ter um retrocesso e se comportará como um bebê ou criança menor. Por exemplo, quando a criança volta a urinar na cama à noite para chamar a atenção dos pais ou afirmar seu direito como

indivíduo no caso de protesto contra a severidade que lhe foi imposta. O mesmo ocorre até mesmo na fase adulta quando observamos que alguém se comporta como criança birrenta ou ameaça ter um ataque do coração quando se sente frustrada ou com raiva. Para um indivíduo normal, há outras maneiras de enfrentar uma frustração.

As pessoas precisam recuperar sentimentos que pertenceram à infância a qualquer custo, devido à intensidade com que foram vividos, daí a necessidade de regressão à infância sempre que não se consegue resolver os conflitos. Se esses sentimentos da infância foram bem resolvidos, o ser humano adulto sabe como lidar com os problemas que tiver à medida que for crescendo.

A criança deve sempre lançar mão de todos os recursos que estiverem ao seu alcance para se proteger da raiva, da angústia e da frustração. Pior será a criança que bloqueada, não usar desses recursos para frear seus sentimentos considerados ruins. Enquanto a criança sentir repulsa, raiva e descontrole em face de algo que a incomoda, ela estará protegida mentalmente. As crianças que os pais exigem obediência cega, quando chegarem à adolescência, possuirão um sentimento de rebeldia que dificilmente será controlado.

A esses recursos, normalmente empregados pelas crianças, é que chamamos sintomas, e dizemos que uma criança normal é capaz de ter qualquer espécie de sintomas, em circunstâncias apropriadas. Mas com uma criança doente, não são os sintomas que constituem a dificuldade; é o fato de que os sintomas não estão cumprindo sua tarefa e constituem tanto um incômodo para a criança como para a mãe. (WINNICOTT, 2008, p.144)

Veremos, então, como se concretizam as primeiras experiências de independência da criança. O tão simples bicho de pelúcia de que a criança se apropria e elege como preferido, que todas as pessoas que cuidam de crianças observam, constitui

uma riqueza de elementos para apreender como a criança elabora suas relações com o mundo exterior a ela e suas relações de independência.

Esse novo objeto pode ser um bicho de pelúcia, pode ser o nó que a criança fica fazendo no paninho ou o cobertor que ela esfrega no rosto até dormir, entre tantos os tipos que observamos, e que constitui sua primeira possessão, algo que ela tem afeto e que não pertence a ela como seu dedo ou sua mão. É o que chamamos de objeto transitório. É sua primeira relação com o outro, com o mundo. Quando isso acontece sabemos que tudo vai bem quanto ao desenvolvimento da criança. É o desenvolvimento do sentido de segurança e da sua relação com algo externo a ela.

É claro que existem crianças que não necessitam deste objeto porque talvez precisem da mãe em pessoa o tempo todo, ou porque pularam essa parte de transição no desenvolvimento, fato esse que não quer dizer que a criança não esteja se desenvolvendo de maneira saudável.

Não é o tamanho ou o tipo de objeto escolhido pela criança que importa. O que realmente tem valor são a textura e, principalmente, o cheiro que esse objeto adquire. Os pais logo aprendem que não se deve lavar este objeto. Ele ficará sujo e fedido para muitos, mas há, aí, uma razão especial.

Esse é o objeto criado pela imaginação da criança, é sua primeira criação do mundo e visa supri-la de afeto e segurança quando a mãe não está por perto, na hora de dormir, entre outras situações de angústia pelas quais a criança passe. Por esta razão ele não deve ser simplesmente apresentado pela mãe ou por outro membro da família. Isso rouba da criança a capacidade de criar e então o primeiro sentido do objeto transitório se perde.

As técnicas usadas pela criança em momentos de separação ou aflição são sem fim. Pode ser o bichinho que a agrade, pode ser o cobertor ou mesmo uma fralda macia,

entendendo, assim, que sempre esse objeto usado será de textura macia para proporcionar conforto, que é uma das suas funções. Às vezes pode ser uma extensão da mãe como seu cabelo que a criança enrola e termina por esfregar no rosto até adormecer ou mesmo o murmurar de alguns sons que podem acalmá-la até que durma.

É a partir do interesse da criança nos objetos transitórios que ela desenvolve a capacidade de cuidar dos brinquedos e dos animais no futuro.

Em estado saudável, esses fenômenos transitórios evoluem para a capacidade de brincar que é um sintoma do desenvolvimento saudável da criança. Aos poucos eles simplesmente desaparecem para dar lugar às brincadeiras, que transitam entre o mundo exterior e o sonho.

Dentre muitos dos problemas que a criança pode manifestar no decorrer da infância como, por exemplo, acessos de cólera, gritos noturnos, hábitos de asseio, entre outros, está o terrível hábito de roubar que deixa a mãe extremamente preocupada e sem ação. Até onde é apenas uma fase ou algum problema na formação dos laços afetivos ocorreu?

É de se esperar que a mãe considere apenas uma fase, toda a boa criança pega suas moedas e se diverte com elas, ou até mesmo mexe em sua bolsa, vez ou outra, e esparrama tudo. A mãe sabe que essa é apenas uma fase e até se diverte com isto.

Mas para aquela mãe que já tem outro filho adulto com propensão ao roubo, vê esta mesma cena com terror nos olhos. Toda sorte de preocupação será transferida para o filho menor no sentido de impedir que o pior aconteça e a história se repita.

Talvez, será necessário que os pais estabeleçam certas regras para manter o lar em ordem, como é de costume ouvir que a criança não deve pegar açúcar e outras guloseimas na despensa, sem o consentimento prévio da mãe.

Entretanto, há a criança que rouba algo e não desfruta daquilo que roubou, como há aquela que rouba por prazer e aí sim há motivos para uma grande preocupação. Uma criança assim está doente. Ela não está buscando o objeto roubado, mas a pessoa de quem esse objeto foi roubado.

Quanto às crianças em que o ato de roubar é apenas passageiro, deve haver tolerância por parte dos pais que tentam passar por essa fase da maneira mais ajuizada possível, e de saber também que pode ser uma boa hora para estabelecer uma quantia em dinheiro e ensinar a criança a usá-lo com sabedoria. Os pais que compreendem essa questão não cairão em sermões para com a criança de modo a permitir que ela comece a mentir criando assim um real problema.

Considerando, assim, tudo o que foi mencionado até agora, constata-se/ baseia-se no princípio de que conhecer a criança desde o início é estreitar não só os laços de afeto, mas também os laços de compreensão mútua tanto para entender o choro de um bebê bem como um momentâneo afastamento do seu filho com os problemas peculiares da adolescência. Se essa relação foi bem construída, desde o início, será mais fácil entender e ajudar seu filho.

> O que é significativo é a experiência individual de desenvolvimento desde bebê a uma criança e um adolescente, numa família que continua existindo e que se considera capaz de enfrentar os seus próprios problemas localizados – os problemas do mundo em miniatura. Em miniatura, sim... mas não menor no que respeita à intensidade de sentimentos e riqueza de experiência, menor apenas na acepção relativamente secundária da quantidade e complexidade. (WINNICOTT, 2008, p. 199)

Sabemos que a alimentação não é a única maneira de se estabelecer uma relação boa com a criança, entretanto é a primeira e uma das mais importantes. Sendo assim, se essa

relação for bem embasada a criança será capaz de construir sua relação com a mãe de maneira que essa relação possa superar todas as frustrações e revezes da vida, até mesmo a perda por separação. (WINNICOTT, 2008)

Dentre as muitas situações ideais já expostas, existem algumas outras situações a serem consideradas a respeito da construção positiva dos laços afetivos, ou seja, quando estes se alicerçam no lar ideal.

Uma situação que merece ser observada com muito carinho é o brincar da criança, onde ela exercita muitas de suas fantasias e também traz o mundo real para ser experimentado e retratado por ela da maneira que esta concebe o mundo exterior.

Um dos grandes exemplos disso é o "brincar de casinha" ou de "papai e mamãe". Quando a criança experimenta o brincar de casinha, ela está recriando o mundo real em que vive. Ela distribuirá as tarefas de acordo com que são cumpridas em sua própria casa. Haverá um dos cônjuges retratado por um e outro; outra pessoa será o filho e filha, e assim por diante. Viverão por algumas horas como se fossem adultos com grandes responsabilidades e deveres, arrumarão a casa e até mesmo manterão uma estrutura onde "seus filhos" poderão exercer sua própria expontaneidade. Algumas crianças irão recriar a situação em que vivem se esta não for ideal. Poderão também retratar "uma vida de novela", aquela que gostariam de ter no lar se não a tiverem de fato. O importante é que depois de viverem tudo isto como "adulto", elas guardarão os brinquedos e irão jantar como crianças normais e gulosas, brigando por um copo de suco a mais do que o permitido. Se a criança tem um lar adequado, pode continuar a descobrir sua espontaneidade. Se na vida real elas possuem ótimos pais e não precisam se preocupar com isso, podem continuar a serem pais e mães eles próprios só nas brincadeiras. "Sabemos que isso é saudável; se as crianças podem brincar assim juntas,

não precisarão mais tarde que lhes ensinem formar um lar. Já conhecem o essencial.” (WINNICOTT, 2008, p. 117).

2.2. A deficiência na formação dos vínculos afetivos e/ou seu rompimento

Desde o primeiro capítulo podemos observar que à criança faz-se necessário amor e dedicação para um desenvolvimento adequado. Além disso, ela vai precisar de um lar estável, onde encontre além de amor e dedicação, um lar com atitudes consistentes, com rotinas para que a criança saiba construir seu mundo sem surpresas grandes quando ainda não é hora. A criança cujos pais souberem que para criarem um filho de maneira saudável não é necessário nenhum profundo conhecimento ou inteligência além do normal, mesmo porque alguém que possuir o conhecimento em anatomia não vai garantir que seu filho seja saudável, essa pessoa deve saber que para

tanto só é necessário amor profundo e dedicação, atenção total àquele ser que precisa de amor para se desenvolver e que se isso não lhe faltar, com certeza teremos uma base sólida de construção da personalidade onde ninguém nem nada no mundo poderão destruir. É exatamente dessa forma que se formará um indivíduo com perfeita saúde mental para enfrentar as adversidades da vida.

> [...] se a mãe não souber ver no filho recém-nascido um ser humano, haverá poucas probabilidades de que a saúde mental seja alicerçada com uma solidez tal que a criança, em sua vida posterior, possa ostentar uma personalidade rica e estável, suscetível não só de adaptar-se ao mundo, mas também de participar de um mundo que exige adaptação. (WINNICOTT, 2008, p.118)

Importante também se faz a mãe permitir que o filho viva suas experiências salvaguardando seus direitos dentro de casa. É necessário para início que a criança tenha seu espaço, seu mesmo, onde ninguém tenha que dizer a ela o que pode fazer ou não ou mesmo como algo deve ser feito. Um espaço só dela, um canto onde possa brincar sem se preocupar se vai sujar ou bagunçar, um lugar, uma parede só sua que possa pintar e rabiscar, se expressar sem preocupações. Nesse local reservado, ela se sentirá com direito e segurança para realizar suas idéias, fantasias, brincar e crescer saudável. Já vimos como a brincadeira, o brincar é fundamental para a criança. Garante Winnicott (2008) que é grande a compensação quando a mãe permite que a criança tenha seus direitos assegurados, desta forma, no início e, mais tarde, aumentando os direitos e responsabilidades das crianças, deixando, por exemplo, que a criança planeje ou ajude a organizar seu aniversário, um passeio ou qualquer outra responsabilidade dada a ela que a permita viver como indivíduo onde a família confia e, portanto, cresce de maneira maravilhosa.

Podemos também observar que a criança, como já dito anteriormente, precisa de um ambiente estável e seguro, com rotinas e horários estabelecidos para sua segurança interior. As crianças não gostam de uma confusão que não cessa, nem da total bagunça que a falta de rotina se caracteriza. Isso faz com que se sintam inseguras para se desenvolverem, sentindo-se o tempo todo dependente dos pais. Não há segurança para voarem sozinhas e, portanto, para que se arriscarem? A criança pode então ser lesada se a mãe não se mostrar preocupada com os seus direitos. A mãe que não é dependente e é suficientemente confiante de seu papel como mulher e mãe, saberá deixar seu filho ter direitos, crescer de maneira progressiva, saudável. É claro que o outro extremo, aquela mãe que permite que os filhos façam tudo como querem, é de igual ou pior modo prejudicial para todos, principalmente para a criança, que perde sua maior orientação para a vida.

Outro assunto já mencionado anteriormente é a importância do afeto, também tema central deste trabalho. Quanto a esse assunto temos a obrigação de levar em consideração a ausência da mãe, seja por qual motivo for.

A criança pode ficar sem a mãe por algum tempo sem se perceber uma mudança imediata uma vez que a criança conserva, durante algum tempo, dentro de si a imagem viva da mãe. Mas se a mãe de quem essa criança depende se tornar ausente por um limite de tempo que excede a capacidade da criança de conservar dentro de si a imagem viva da mãe, isso fará com que o objeto transitório que a criança usa para acalmar-se quando a mãe não está por perto, perca seu significado e a criança torna-se, então, incapaz de usá-lo. Aqui se perdeu toda área intermediária de contato afetivo. Acaso a mãe retorne ao lar, a criança tem que reconstruir todo o afeto novamente e isso leva um determinado tempo, para que depois, após confiar novamente na mãe e ter seus vínculos afetivos restabelecidos, essa criança possa recomeçar a usar os objetos intermediários.

> Os roubos por crianças privadas desse contato e que estão recuperando-o podem ser considerados como fazendo parte da busca de um objeto transitório, que se perde através da morte ou desaparecimento da versão interiorizada da mãe. (WINNICOTT, 2008, p.193)

Entretanto, quando a fase do roubo se torna um pouco mais compulsiva, pede tato e atenção por parte dos pais. No início devem ser tolerantes e depois devem dispensar certa dose de atenção todos os dias. É necessário que os pais não perguntem o porquê das coisas o tempo todo, pois ao exigirem uma explicação a qualquer custo, estarão forçando a criança que já rouba a também mentir e então o círculo vicioso só aumenta e intensifica a ponto de tornar-se de fato um grande problema. A criança não pode dar a explicação simplesmente porque a ignora e o resultado poderá ser que em vez de sentir uma culpa insuportável, ela opte sem perceber por mentir compulsivamente.

De qualquer maneira toda a criança que sofreu um desilusionamento está apta a fazer coisas sem um por que; criam confusões, roubam pequenas coisas, recusam-se a defecar no momento apropriado, cortam as flores do jardim, pintam as paredes etc.

Falando em retroceder, e isso às vezes faz-se necessário, assistimos por diversas vezes o retorno ao estado de bebê em crianças mais velhas. Alguma dificuldade impediu a marcha do progresso e, então, a criança sente necessidade de regressar ao terreno protegido da infância, a fim de restabelecer os direitos infantis e as leis de desenvolvimento natural segundo Winnicott (2008). Uma das regressões típicas é voltar a chupar o dedo, fato este que a criança usava como objeto transitório quando bebê. Como sabemos, o objeto transitório é, segundo Winnicott(2008), a base de toda a vida cultural do ser humano adulto e faz parte do desenvolvimento emocional normal. Se quando bebê houver uma privação desta técnica como objeto transitório, tal ocorrência poderá acarretar em inquietação e insônia. Isso faz parte também da formação do afeto,

que se perdida, revela uma criança carente e demonstrará, quando mais velha, uma tendência a ser anti-social ou até mesmo uma propensão à delinquência.

Outro problema que pode se manifestar devido à falha na formação dos vínculos afetivos é a deficiência no processo de *holding*.

O *holding* é descrito por Winnicott como uma fase em que a mãe ou substituta:

"– Protege da agressão fisiológica.

– Leva em conta a sensibilidade cutânea do lactente... e a falta de conhecimento por parte deste da existência de qualquer coisa que não seja ele mesmo.

– Inclui a rotina completa do cuidado dia e noite adequada a cada bebê e segue também as mudanças instantâneas do dia-a-dia que fazem parte do crescimento e do desenvolvimento do lactente, tanto físico quanto psicológico.O *holding* (segurar) inclui especialmente o *holding* físico do lactente..." Cf. D. W. Winnicott, O ambiente e os processos de maturação, Ed. Artes Médicas, Porto Alegre, 1983. (N.R.T) (Winnicott, 2005, p. 26

O desenvolvimento, em poucas palavras, é uma função da herança de um processo de maturação, e da acumulação de experiências da vida; mas esse desenvolvimento só pode ocorrer num ambiente propiciador. A importância deste ambiente propiciador é absoluta no início, e a seguir relativa; o processo de desenvolvimento pode ser descrito em termos de dependência absoluta, dependência relativa e um caminhar rumo à independência. (WINNICOTT, 2005, p.27)

Outro aspecto que ainda vale mencionar é a formação do ego. Quando a relação mãe-filho é sadia, o ego formado é um ego reforçado segundo as palavras de Winnicott (2008). É um ego capaz de desenvolver defesas e organizar padrões pessoais fortemente desenvolvidos e embasados em padrões hereditários. É com esse ego muito forte que a criança logo se torna ela mesma. Se o ego da mãe é fraco, o ego da criança torna-se reativo ao ambiente. A criança não se desenvolve no aspecto pessoal e suas reações são mais contra os revezes ambientais do que devido a fatores e urgências internas. Como já mencionado, é um ego reativo e não ativo. Ele simplesmente reage aos fatores ambientais e não age por condições internas ou fatores genéticos. Os bebês que não

recebem um desenvolvimento egóico, são bebês propensos à inquietude, estranhamento, apatia, inibição e complacência. É com o desenvolvimento de um ego forte que as crianças podem começar a formar suas memórias e expectativas.

Quando o bebê percebe que seu objeto impiedosamente atacado é o mesmo objeto amado, surge o estágio da preocupação.

De acordo com a teoria de Melaine Klein, a criança é agora obrigada a lidar com dois conjuntos de fenômenos. Uma coisa boa foi atacada e provocou um sentimento satisfatório na criança. Algo de bom foi formado dentro dela. Mas também tem que lidar com a culpa que emerge deste fato. Surge, então, uma saída para o problema: a criança torna-se capaz de dar em troca, reparar, consertar, devolver aquilo que na fantasia dela foi roubado. Quando tudo vai bem, não se desenvolve um sentido exclusivamente de culpa, mas desenvolve-se outro bem mais importante, um sentido de *responsabilidade*. A culpa só deve vir à tona quando o sentido de reparação se torna insuficiente.

De acordo com as idéias de Françoise Dolto (2003), quanto menos existe o sentimento de culpa, mais existe o da responsabilidade entre os seres humanos.

É importante salientar que dificuldades nesse campo, associadas à repressão de conflitos dolorosos, dão origem a várias manifestações neuróticas e distúrbios de humor de qualidade psicótico que virão a se tornar material para a loucura propriamente dita.

3. Quando os pais se separam

Talvez um dos mais fortes rompimentos dos laços afetivos para uma criança, com exceção à morte dos pais, seja a separação de seus progenitores.

Principalmente quando acontece numa idade em que a criança já possui entendimento para saber, a seu modo, quais serão as implicações que ela supostamente acredita que sofrerá, acarretando, assim, e de fato, sérios conflitos e danos na sua formação e saúde mental futura.

É para a criança toda sua segurança e estabilidade que estão se rompendo, seu mundo como ela conhece despedaçando; parecidamente ou ainda de maneira pior que como mencionado no capítulo anterior, acontece num *holding* ineficiente, a sensação de despedaçamento do seu mundo, uma destruição do seu universo que ela terá que aprender a reconstruir de novo. Tanto melhor se tiver a ajuda dos pais que se divorciarem de maneira a entender que não podem se separarem dos filhos, mas só do parceiro, esses sim poderão contribuir um pouco com a reconstrução do mundo da criança.

Entretanto, sabemos ser essa uma tarefa pouco existente entre os casais que se separam. Eles se separam e esquecem que tem um filho para cuidar, não só física e materialmente que é o assunto que os pais mais se preocupam, mas principalmente esquece-se de sua saúde mental, seu estado emocional, suas emoções e aflições próprias do processo em que foram inseridos.

É importante ressaltar que essa criança ao permanecerem num lar de brigas e discussões constantes não constitui também um lar saudável. Para a criança torna-se um constante estado de insegurança que parece não ter fim. Os casais acreditam que se separando darão a eles próprios e a criança uma tranquilidade maior. Em casos extremos, acredito ser essa a solução desde que o divórcio seja realizado com consciência e sem grandes alardes, onde a criança seja realmente levada em consideração e tudo seja pensado de maneira a beneficiá-la ou, ao menos, exista o cuidado de não prejudicá-la ainda mais dado os outros conflitos que tal situação, em si, já irá ocasionar.

Vale ressaltar que só e somente só em casos realmente extremos de intolerável convivência o processo de separação seja aceitável para a criança. Qualquer outro desentendimento que o casal venha a ter é preciso pensar se pelo menos a convivência amistosa ainda é possível até que a criança atinja um estado de maturidade para entender que essa é a melhor saída para os pais e aceitar a situação, caso contrário, as perdas e desvios de caminhada rumo a um ambiente saudável de desenvolvimento que tanto Winnicott (2008) aconselha e pessoalmente concordo, estaria ruído.

Durante o divórcio a criança vive várias dissociações com maior ou menor grau de desestruturação. Uma das mais importantes e que deve ser mencionada é a dissociação no nível espacial, que repercute ao corpo e no nível da afetividade, através de sentimentos dissociados, de acordo com Françoise Dolto (2003). Se a criança puder permanecer na casa onde seus pais estavam unidos, há uma mediação e o trabalho do

divórcio é feito de maneira melhor para ela. Caso sua casa tenha de ser abandonada, um dos pais a deixa ou mesmo a criança tem que se mudar com um dos cônjuges, a criança vivencia os dois níveis de dissociação mencionados.

Se caso a criança seja obrigada a deixar a escola com a qual já estava habituada, surge aí mais um nível de dissociação, a do grupo em que vive. Ela ficará por certo bastante dividida e terá atraso escolar.

Igualmente prejudicial é o fato de a criança deixar a escola no decorrer do ano letivo porque foi morar em outro lugar. É abalado o ser individual que se encontra dividido e desestruturado pela separação dos pais e seu ser social, separando-se do grupo no qual está inserida.

Em confluência com isso, costuma-se seguir uma tentativa, em vão, de amenizar o processo de separação dizendo à criança que um dos pais viajou. Ora, a criança é inteligente o suficiente para perceber que aquele que "viajou" não voltou como volta de viagem qualquer pessoa, temos, aí, então, outra dissociação do contexto também social, pois se ela continuar na mesma escola, não saberá o que dizer aos seus amigos. É aquela criança apática que mal fala e brinca em sala de aula, absorta em seus pensamentos, alheia ao que se passa na escola. Num processo linguístico não pode haver fala se a criança está fragmentada, muito menos concentração quando a criança tem algo muito mais importante e aflitivo para pensar do que prestar atenção no que a professora ensina. A criança se encontra fragmentada em todos os aspectos. É um comportamento característico da criança abalada por completo, o mesmo ocorre quando um dos pais adoece seriamente ou mesmo na morte de um deles.

Os pais que estão se separando evocam as desestruturações bruscas da afetividade da criança e não sabem se e como devem contar o fato a elas. O fato é que sempre as crianças devem ser comunicadas sobre este fato desde o início que ele venha ocorrendo.

Elas precisam saber como ficará sua condição de filho, com quem ficará e todas as outras coisas que o juiz determinar. Quando o divórcio é escondido, passa ser algo errado, acompanhado de um sofrimento muito maior e desnecessário do que ele já impõe. Os pais devem humanizar esse fato, se responsabilizarem por ele, para que a criança não sinta somente o estado de angústia e pressintam o divórcio pela variação de humor dos pais. Quando nada é explicado à criança ela acredita que como os pais voltaram atrás na palavra dada de ficarem casados, também um dia renunciarão a criança, o que não é verdade, mas que se não for bem conversado, distorce o equilíbrio da criança.

Segundo Françoise Dolto (2003), os atos nos seres humanos são sempre precedidos de projetos antes de serem executados. Portanto, se os pais contam aos filhos sobre o divórcio e logo passam à ação, isto se torna traumatizante para a criança que já vive um processo de separação que, por melhor que seja conduzido, já é suficientemente traumatizante e estressante. É importante salientar que a notícia do divórcio seja dada pelo pai e pela mãe juntos, a criança precisa saber que o divórcio é um mal menor, ele vai tirar a "doença", o mal que aflige o casal, para trazer a paz, a saúde da relação, pelo menos deveria ser essa a atitude em relação a esse fato.

Muitos pais dizem não contar para as crianças porque não vêem sentido, uma vez que no dia seguinte fazem as mesmas perguntas como se não soubessem o que se passa ou como se não tivessem ouvido nada a respeito. É que quando algo é difícil demais de assumir, as crianças tem a necessidade de inventar. Aliás, muitos adultos que não aceitam o divórcio fazem o mesmo, fato esse, portanto, que não justifica recriminar, então, uma criança. Quando a realidade se faz intolerável, é necessária a fuga para a fantasia ou tão somente uma fuga. A criança "inventa" que nada está errado ou diferente

com seus pais; outras vezes não admite que outra pessoa fale a respeito disto ou ainda criam a fantasia de que o pai ou a mãe viajou ou outra coisa parecida.

O que não é "verdadeiramente falado", não é humanizado, segundo Françoise Dolto (2003), e o ser humano aprecia o valor da humanização.

Outra comum confusão acerca do divórcio é o fato dos pais acharem que privar a criança da convivência de um dos cônjuges seria melhor para ambos.

> Não se protege a segurança da relação privando o filho do conhecimento do outro genitor. Ao contrário, isso constitui a enorme promessa de uma enorme insegurança futura, e que já estaria presente desde a instauração de tal medida, visto que isso é uma anulação de uma parte da criança através da qual lhe é indicado, implicitamente, que esse outro é alguém desvalorizado e falho. (DOLTO, 2003, p.52)

Muitas coisas se passam com as crianças durante o processo de separação dos pais. São frequentes as dores de cabeça, de barriga, os surtos de febre, entre outras coisas. Trata-se de uma linguagem que a criança não pode expressar verbalmente, então o inconsciente se estrutura como uma linguagem. Esses sintomas não são um mau sinal. Somente faz-se necessário adaptar essa linguagem tornando-a compreensível de maneira que a criança possa se expressar através de palavras e não de sintomas, de maneira psicossomática. De acordo com Françoise Dolto (2003), isso não se deve ao comportamento pessoa de cada um, mas a uma situação. As situações que acontecem com o divórcio em si, são normalmente desestruturantes para a criança pequena, porque as etapas de seu desenvolvimento afetivo coincidem com as aflições pelas quais seus pais estão passando, numa época em que os pais deveriam estar principalmente garantindo sua segurança emocional para um futuro mentalmente sadio.

Outro fato que perturba a criança e abala suas estruturas futuras são os pais que não podem ou não querem contribuir financeiramente, mas ficam presos à necessidade de ver esses filhos sem serem capazes de ganhar dinheiro para eles. Esses pais desenvolvem na criança a idéia de menosprezo pela noção de responsabilidade. Alegando prejuízo financeiro, muitos se refugiam na casa dos pais, causando uma regressão para a criança que se vê ao lado de pais transformados em irmãos mais velhos, machucados pela vida e que já não são modelos de adultos, de acordo com Françoise Dolto (2003). Morar com os avós não traz nenhuma solução para a criança. O preço dessa facilidade terá de ser pago mais tarde.

> E dentre todas as palavras que é possível dizer a uma criança, são sobretudo a dos avós ao neto que podem permitir a este discutir o assunto com eles e, desse modo, relativizar aquilo que nele, enquanto é pequeno, no momento em que está sofrendo com a separação dos pais, o leva a considerar responsável ou culpado um ou outro de seus genitores. É muito bom que a criança receba palavras que lhe dêem acesso a essa compreensão das relações do casal, uma compreensão que lhe chegará com a experiência. (DOLTO, 2003, p. 94)

Quanto à guarda da criança, muito se é discutido sobre o que é melhor ou pior para a criança. Temos uma opção, a mais comum até os dias de hoje, que é a guarda dada a um único genitor, onde o outro tem direito a visitas estipuladas, normalmente, pelo juiz ou em raras ocasiões acertadas entre os pais da criança. Temos, ainda, a guarda compartilhada, também chamada de alternada, onde a criança tem dois lares a sua disposição, devendo ficar um determinado período em cada lar, com cada um dos genitores. Na primeira opção, podemos observar que mesmo estando com um único genitor, mesmo contra tudo que foi escrito, é crucial ressaltar que se a criança foi desde pequena criada pelo pai e pela mãe, mesmo que tendo especial carinho por um deles, ao

ter sido criada, de fato, pelos dois, vai sentir um profundo abalo em suas emoções, ficando absorta em seus pensamentos e desatenta a tudo o que não for pertinente em relação à separação de seus pais, podendo, ainda, desenvolver na escola um grave déficit de atenção. O déficit de atenção é o problema mais comum a ser desenvolvido pelas crianças, filhas de um divórcio pacífico, bem realizado ou não. Todas as crianças em maior ou menor grau vão reagir de alguma forma. Umas ficarão extremamente agitadas no intuito de chamarem a atenção para si, outras, na mesma tentativa, tornar-se-ão rebeldes, mal comportadas e, quase sem exceção, poderemos encontrar essas crianças perdidas no tempo e espaço, sem atenção ao professor, como muitos diriam, "no mundo da lua", com seu déficit de atenção em maior ou menor intensidade. Outros problemas de comportamento mais graves surgirão, como veremos mais adiante, também oriundos da separação dos pais ou do divórcio.

A guarda compartilhada ou alternada, não é a guarda compartilhada pelo pai e pela mãe onde ambos concordam e estabelecem segundo acreditam ser o melhor para a criança, os dias em que poderão visitar o pai ou a mãe. É de acordo com a lei a criança ficar um tempo estabelecido pelo juiz com o pai e outro com a mãe. A criança tem dois lares e não consegue estabelecer-se em nenhum dos dois. Não cria vínculos sociais nem tão pouco emocionais. Emocionalmente é uma criança desconecta do mundo, carente afetivamente e perdida, não se enquadrando nos grupos sociais ao qual pertence. Têm dois lares e ao mesmo tempo nenhum.

> A reação mais comum é o desenvolvimento da passividade no caráter da criança. Ela perde o gosto pela iniciativa, tanto do ponto de vista escolar quanto do ponto de vista das brincadeiras, e entra em estados de devaneio que não levam à criatividade – porque existem devaneios fecundos, mas aqui não se trata de um deles. (DOLTO, 2003, p. 74)

Muitos pais e principalmente mães privam-se de um novo relacionamento dizendo fazê-lo pelos filhos que não querem ver o pai e, principalmente, a mãe casada novamente. As pessoas que agirem assim com seus filhos, os farão bebês por muito mais tempo. Serão imaturos e no futuro ficarão com as vidas congeladas, segundo Françoise Dolto (2003), impedidas libidinalmente e afetivamente. Tornam-se encarregadas deste cônjuge que tudo abdicou pelos filhos, pelo resto de suas vidas mesmo que porventura consigam se casar.

A relação com os novos parceiros dos pais é extremamente saudável e preferível para a criança, filha de pais separados. Se a separação ocorreu quando essas crianças eram muito pequenas, elas poderão viver o complexo de Édipo ou reviver uma nova variação dele, situação não só saudável como necessária a todas as crianças. Esses adultos serão para elas modelos e rivais.

Muitas vezes a criança que vive a situação mencionada acima, dirá que tem dois pais ou duas mães. Não é necessário impedir-lhes disto. Trata-se de uma autodefesa em relação à curiosidade das outras pessoas.

De fato, quando há problemas com o padrasto ou com a madrasta, provém do genitor com quem a criança mora. Este genitor não aceita muito bem o direito do outro de ter um novo relacionamento; a criança, então, sente que recusando o padrasto ou madrasta estará mostrando-se a favor do pai ou da mãe com quem mora. Se não houver este tipo de interferência, as coisas se arranjam de maneira muito mais fácil. É claro que muitos filhos desejarão que seus pais, livres um dia dos atuais parceiros, possam se reencontrar. É uma projeção da primeira infância na idade avançada.

Várias desorientações surgirão no decorrer do divórcio e algumas serão para toda a vida. Os filhos ficarão desorientados em relação a concepção do matrimônio, questionando-se sobre a possibilidade de casarem no futuro ou se simplesmente o farão não para a vida

toda, mas, simplesmente para divorciarem como seus pais. Também quando seus pais não se casam novamente, ficam na dúvida sobre a possibilidade de se tornarem celibatários como estes. Para essas crianças, os referenciais de orientação é que são oscilantes.

Outro grave problema oriundo do divórcio é quando normalmente a mãe “sacrifica” tudo pela família não se casando novamente. Esta atitude da mãe que sacrificou tudo pelos filhos, que deu sua vida pelos filhos, repercutirá na vida destes filhos no futuro. Desejosos de compensar esta mãe, não se casarão eles mesmos para que possam, por exemplo, dar seu dinheiro a mãe que tudo fez por ele ou, ainda, não continuará seu projeto de estudo por ser caro demais e continuar dando despesas a essa mãe. Esses filhos irão viver com a mãe e com outras mulheres se tornarão bloqueadas sexualmente falando e os meninos, com tendência homossexual, viverão relacionamentos supérfluos com pessoas que não deixaram suas mães também. Trata-se de neuroses bastante difíceis de suportar e superar.

4. Consequências para a vida da criança na escola e/ou no meio social em que está inserida

A família, na atualidade, não é mais como as grandes famílias do passado. Tinham-se muitos irmãos, primos e todos interagiam e contribuíam para a formação da criança em crescimento.

Antes mesmo que a criança iniciasse a escola propriamente dita, esta já tinha seu círculo extra-familiar de relações formadas. Eram vários coleguinhas na vizinhança com os quais podiam brincar. A criança ia por si só à casa dos amigos e, às vezes, passava o dia todo em contato com uma ou várias outras crianças e suas famílias, convivendo, assim, com diferenças culturais com as quais ela apreendia e aperfeiçoava em suas relações e em seu convívio em grupo.

Hoje, quase só podemos contar com as escolas de educação infantil. Não é o fato de delegar à escola a tarefa de desenvolver os filhos socialmente, mas é dela, em grande parte hoje, essa responsabilidade. A pequena família moderna depende da escola para que seus filhos possam interagir com outras crianças. Não há mais irmãos e primos para brincar. Tão pouco se tornou seguro brincar com um amiguinho que não se conhece os pais. A economia onde os desejos individuais são exacerbados e não sobra tempo nem dinheiro para os filhos e onde a segurança é um grande problema a se enfrentar, vemos que a família tende a ser sempre menor até se tornar extinta e a desconfiança que não nos permite interagir, acabará por matar as relações sociais como conhecemos.

Será nessas escolas o lugar onde as crianças desfrutarão de espaço e de pessoas disponíveis para lhes dar a atenção necessária e poderão, então, aprimorar suas relações

sociais. De que outra maneira esta criança pode brincar com outra criança sem preocupação para os pais que precisam ou que querem trabalhar o período todo?

Não é possível, é óbvio, delegar à outra pessoa a tarefa que deveria ser desempenhada na própria família. Entretanto, ainda nestes termos, a escola se faz a instituição mais capaz de promover o grupo de relacionamento social da atualidade.

É também na escola que a criança pode ter uma pausa de tudo que vive em casa. Na escola, a atmosfera emocional é menos densa que no lar segundo Winnicott (2008). Isso propicia à criança uma pausa para o desenvolvimento pessoal. Há ainda a possibilidade de a criança viver novas relações triangulares menos intensas que na própria casa, contribuindo para seu desenvolvimento.

> A escola, que é um apoio, mas não alternativa para o lar da criança, pode fornecer oportunidades para uma profunda relação pessoal com outras pessoas que não os pais. Essas oportunidades apresentam-se na pessoa das professoras e das outras crianças e no estabelecimento de uma tolerante, mas sólida, estrutura em que as experiências podem ser realizadas. (WINNICOTT, 2008, p. 217)

Entre os dois e sete anos de idade, a criança experimentou todos os resultados dos seus conflitos resultantes das poderosas reações instintivas que viveu e, a partir dos cinco anos, aproximadamente, começam a abandonar, aos poucos, a fantasia consciente e inconsciente para dar lugar a identificações maiores com os pais e mães, envolvendo, assim, excitações que se expandirão mais quando chegar a puberdade.

Ao mesmo tempo as relações só agora foram estabelecidas entre seres humanos integrais.

A consequência resultante da solução destes conflitos é o sofrimento que aí se inicia, resultando na formação de sintomas, como já foi mencionado, inibições e até

“recalques”. À medida que o desenvolvimento da criança prossegue, ela consegue cada vez mais expressar seus sentimentos de formas mais diretas. Desse modo, o alívio, então, é obtido mediante a auto-expressão, ou seja, quer através de brincadeiras ou quer através da fala.

Quando a criança entra no maternal, suas capacidades são mais subjetivas do que objetivas, pois seu processo de maturação ainda está se formando e a capacidade de percepção exata ainda não está totalmente desenvolvida. Quando a angústia ameaça, a criança volta facilmente à posição infantil de dependência. Sem a cuidadosa apresentação da realidade externa que é papel dos pais, a criança não possui meios de estabelecer uma relação satisfatória com o mundo.

Na escola maternal, criam-se condições para que a criança possa desenvolver seu estágio intermediário entre o sonho e o real através de músicas, brincadeiras, desenhos e histórias. É nesse contexto que a criança toma consciência de quando é livre e de quando lhe é requerido um determinado comportamento em grupo. É também na escola maternal em que ela se reconhece como indivíduo, sendo chamada pelo seu nome, sendo vestida e tratada pelo que é de fato, tendo, assim, sua individualidade se afirmando de tal forma que no futuro é ela que vai querer aderir às atividades em grupo.

Assim como com a mãe, as atividades na escola não poderão ser mecânicas, elas representarão a mãe para criança através da alimentação, troca de roupa e até mesmo os banhos. Dessa forma, análogo ao vivenciado com a mãe, tais atividades poderão ser amadas (aceitas), ou rejeitadas (não merecerem confiança).

O papel da professora na escola é de vital importância. Servirá para criança e pais estabelecerem uma relação de segurança e confiança com o novo lugar que a criança ficará. “O seu dever é, antes, manter, fortalecer e enriquecer as relações pessoais da criança com a própria família, apresentando simultaneamente um mundo mais vasto de

pessoas e oportunidades” (WINNICOTT, 2008, p. 220). A escola, antes de qualquer coisa, representará a liberdade de tempo para que a mãe se descubra e encontre suas potencialidades maternas e como indivíduo e, ao mesmo tempo, a criança está sendo cuidada para que se desenvolva e supere os inevitáveis problemas psicológicos com que o ser humano em desenvolvimento se defronta. O ambiente da escola maternal, assim como a professora, desempenha um papel importante para o desenvolvimento psicológico da criança. É também na escola maternal que a criança entrará em possíveis conflitos com outros de sua idade, aprendendo a resolver suas frustrações decorrentes destes possíveis confrontos, aprendendo a desenvolver a capacidade de relações harmoniosas em seu grupo e principalmente a compartilhar. As brincadeiras, principalmente entre as crianças, é uma atividade criadora essencial para o desenvolvimento humano e a escola facilitará, e muito, que a criança tenha êxito no terceiro tipo de desenvolvimento que é a capacidade de relações em que diversas pessoas estejam envolvidas. É a professora que ajudará nessa fase que a criança conduza sua agressividade para canais construtivos e para adquirir habilidades eficazes.

Em todo este período existe um processo duplo entre o lar e a escola: quando acontece um problema em um dos ambientes, automaticamente se transfere como perturbações no comportamento para esse outro ambiente.

> Colapsos no asseio, dificuldades na alimentação e no sono, atraso na fala, atividade motora defeituosa, estes e outros sintomas podem-se apresentar como problemas normais do crescimento ou, numa forma exagerada, como desvios do normal. (WINNICOTT, 2008, p. 223)

Até o último período de frequência na escola maternal, haverá certa confusão entre o que é certo e errado, entre a fantasia e o fato, entre o que é propriedade pessoal e o que é dos outros.

Há que se mencionar os dois tipos básicos de crianças que se inserem na escola. O primeiro deles anseia pelo ensino propriamente dito. São aquelas crianças que tiveram todo o processo de desenvolvimento emocional e afetivo necessários para se tornarem uma criança sadia emocionalmente. Criadas por pais que assumiram sua responsabilidade, essas crianças estão dispostas ao trabalho árduo para que possam ter êxito nos exames e um dia terminarem os estudos e trabalharem como seus pais na profissão escolhida. Estão ávidos por lições que lhe ensinarão cada vez mais o que precisarem.

Já o outro grupo é composto por crianças com problemas familiares que caracterizarão a escola como abrigo, ou seja, uma extensão do lar para que se possa desenvolver e resolver o que não foi conseguido no seio familiar. Elas vão procurar um grupo social do qual elas possam fazer parte e se sentirem estáveis emocionalmente.

Ao professor caberia, portanto, a tarefa de se inteirar da vida de seus alunos antes de rotulá-los com possíveis distúrbios e mais comumente com dificuldades de aprendizagem, muitas das quais se caracterizam por reflexos e sintomas já discutidos anteriormente, que pertencem a uma fase da vida que a criança está vivendo e que com sorte será esquecida e superada.

Um dos distúrbios de aprendizagem mais diagnosticado entre crianças que apresentam problemas no lar é a síndrome do déficit de atenção.

A atenção é o processo pelo qual usamos as estratégias necessárias para captar as informações do meio em que estamos inseridos. A atenção está relacionada intimamente com a percepção e nos permite selecionar e hierarquizar os estímulos recebidos. Com déficit de atenção, não é possível se concentrar para realizar o que a professora pede em aula, uma vez que é necessária a concentração no que foi explicado antes por ela. Com a atenção presa aos acontecimentos desastrosos vivenciados em casa, a criança que não

tem um lar satisfatório, fica presa aos problemas que afetam sua vida diretamente e não consegue, portanto, focar a atenção no que aparentemente não lhe é urgente como seu dilema no lar. Isso acarretará uma dificuldade grande em reter conhecimentos que só são adquiridos mediante a importância e a necessidade que tem. A desatenção pura e simplesmente também acontece nas mesmas circunstancias descritas. Entretanto, a duração e a intensidade com que essa desatenção ocorre é que vai caracterizá-la como a síndrome do déficit de atenção ou não. Contudo, é necessário salientar que essa desatenção leve mesmo não sendo diagnosticada como a síndrome, vai de qualquer forma contribuir para uma dificuldade de aprendizagem, mais ou menos intensa, dependendo das circunstâncias, atrapalhando, certamente, o desenvolvimento escolar da criança.

5. Problemas e transtornos de comportamento decorrentes da deficiência da formação e/ou rompimento dos laços afetivos

Como já foi mencionado anteriormente, o primeiro e mais persistente vínculo afetivo é o da mãe e seu filho. É talvez o único vínculo que persiste até a vida adulta, possibilitando afirmação de que a relação entre mãe e filho, mesmo depois de separados, quando o filho se torna adulto, é o vínculo que nem mesmo a morte dissocia.

Entretanto de uma forma um tanto paradoxal, é importante salientar que o comportamento do tipo agressivo desempenha um papel crucial e decisivo na manutenção dos vínculos afetivos. Esse comportamento assume duas formas distintas: primeiro ataques de afugentamento de intrusos e, segundo, a punição de um parceiro errante, seja ele esposa, marido ou filho. Há provas de que boa parte do comportamento agressivo de um tipo desconcertante e patológico tem origem em uma ou outra dessas formas (Bowlby, 2001).

Os vínculos afetivos e os estados emocionais caminham juntos. Sendo assim, muitas das emoções humanas surgem durante a formação, manutenção e rompimento dos vínculos afetivos.

Em termos subjetivos podemos descrever que a ameaça da perda gera ansiedade e a perda real causa tristeza, ao passo que ambas as situações podem despertar raiva. Finalmente, a manutenção incontestada de um vínculo é experimentada como uma fonte de segurança e a renovação de um vínculo como uma fonte de júbilo (BOWLBY, 2001).

Portanto, qualquer pessoa interessada em estudar os problemas na formação dos vínculos afetivos de um indivíduo, vai efetivamente se deparar com distúrbios de personalidade que muito frequentemente essas pessoas estão sujeitas a desenvolverem.

Para iniciarmos, é comprovadamente produtivo considerar muitos distúrbios psiconeuróticos e de personalidade nos seres humanos como um reflexo de um distúrbio da capacidade para estabelecer vínculos afetivos, em virtude de uma falha no desenvolvimento na infância ou de um transtorno subsequente (BOWLBY, 2001).

Aqueles que padecem de distúrbios psiquiátricos – psiconeuróticos sociopáticos ou psicóticos – manifestam sempre uma deterioração da capacidade para estabelecer ou manter vínculos afetivos, uma deterioração que, com frequência, é grave e duradoura e, em muitos casos, é primária derivando de falhas no desenvolvimento, que terão ocorrido numa infância vivida num ambiente familiar que não foi propício ao desenvolvimento do ser humano (BOWLBY), permitindo-nos classificá-lo como um lar que não é ideal.

Ao examinarem as possíveis causas dos distúrbios psiquiátricos na infância, ficou constatado que o problema encontra-se na ausência de oportunidades para estabelecer vínculos afetivos ou, ainda, as repetidas rupturas dos vínculos que foram estabelecidos.

Foi sistematicamente apurado que duas síndromes psiquiátricas e duas espécies de sintomas associados são precedidas por uma elevada incidência de vínculos afetivos desfeitos durante a infância. As síndromes são a personalidade psicopática (ou sociopática) e a depressão; os sintomas persistentes, a delinquência e o suicídio (BOWLBY, 2001).

No psicopata, a capacidade de estabelecer e manter os vínculos afetivos são dificultosas ou até mesmo inexistentes. É constatado que tais indivíduos foram seriamente perturbados na infância pela morte, separação ou divórcio dos pais ou, ainda, por outros eventos que resultam na deficiência ou ruptura dos vínculos afetivos. A incidência desses tipos de problemas são maiores nesses grupos do que em qualquer outro. Adotando como critério a ausência da mãe durante seis meses ou mais, antes dos seis anos de idade, foi apurada uma incidência de 41% para os sociopatas e somente 5% para os restantes. Quando o critério é ampliado, a incidência aumenta. E, ainda, quando foi adotada a ausência da mãe e do pai antes dos dez anos como critérios para pesquisa, foi constatado que o índice sobe para 65%.

Outro grupo psiquiátrico que mostra incidência muito alta de perda na infância é a dos pacientes suicidas. As perdas ocorrem na infância, mais precisamente até os cinco anos de idade, tendo sido causadas não só pela morte de um dos pais como também por ilegitimidade e o divórcio como nos mostra Bowlby (2001).

Outra condição, que está associada às perdas na infância, é a depressão. Entretanto, é importante salientar que essas perdas não se devem frequentemente por ilegitimidade ou divórcio dos pais, mas com mais incidência por morte de um deles. A orfandade tende a ser maior dos cinco aos dez anos de idade e em alguns casos no terceiro quinquênio da infância. Segundo as pesquisas, “as indicações são de que a perda por um dos pais por morte ocorre com freqüência duas vezes maior num grupo de depressivos do que na população em geral”. (BOWLBY, 2001, p. 104)

> Assim, parece agora razoavelmente certo que, em numerosos grupos de pacientes psiquiátricos, a incidência de rompimento de vínculos afetivos durante a infância é significativamente elevada. [...] As maiores incidências de vínculos afetivos desfeitos incluem tanto os vínculos com os pais como com as mães, e são observados entre os cinco e os catorze anos, tanto quanto nos primeiros cinco anos. Além disso nas condições mais extremas – sociopatia e tendências suicidas – não só é provável que uma perda inicial tenha ocorrido nos primeiros anos de vida mas também é provável que tenha sido uma perda permanente, seguida da experiência de repetidas mudanças de figuras parentais. (BOWLBY, 2001, p. 104)

Há também aquilo que chamamos de efeitos em curto prazo de vínculos desfeitos. Quando uma criança pequena se vê entre estranhos e longe da figura dos pais, tal fato torna-se motivo de grande aflição e comprometimento posterior nas relações parentais. Nas crianças separadas dos pais foram observados dois comportamentos antagônicos. De um lado, crianças desligadas emocionalmente e, noutro, crianças extremamente

dependentes, requisitando atenção dos pais o tempo inteiro. Em sua maioria as crianças de dois anos que permaneceram desligadas dos pais por uma ou duas semanas, experimentaram no seu regresso uma atitude distante e desligada da mãe. No entanto, quando a criança está longe dos pais nos primeiros dias experimenta um grande desespero em querer a mãe e, às vezes, chora muito sua falta. Quando finalmente regressa parece não reconhecer e até mesmo evitá-la. Todo o comportamento de busca afetiva está ausente e continuará assim por um período de tempo, pois essa reaproximação é sempre lenta e gradual e dependerá do tempo em que durou o desligamento, como já foi mencionado em capítulos anteriores. Quando o vínculo é reatado e o comportamento de ligação se estabelece, a criança torna-se extremamente ligada a mãe demandando extensa dedicação de sua parte. Se a mãe, por sua vez, não se demonstra disponível, a criança torna-se muito hostil e com comportamento negativista, o que não foi notado em crianças que não sofreram separação.

Outro assunto tratado por Bowlby (2001) é que o tipo de perda ocorrido durante a infância determina o tipo de depressão que a pessoa poderá ter na vida adulta.

[...] as mulheres que perderam a mãe por morte ou separação antes dos onze anos de idade, são mais propensas a reagir à perda, ameaça de perda e outras dificuldades e crises na vida adulta mediante o desenvolvimento de um distúrbio depressivo do que mulheres que não experimentaram essa perda na infância. Em segundo lugar, se uma mulher sofreu uma ou mais perdas de membros da família por morte ou separação antes dos 17 anos de idade, qualquer depressão que se desenvolva subseqüentemente é susceptível de ser mais grave do que uma mulher que não tenha sofrido perdas desse tipo. Em terceiro lugar, a forma assumida pela perda na infância afeta a forma de qualquer doença depressiva que possa desenvolver-se mais tarde. Quando a perda na infância foi devida a separação, é provável que qualquer doença que seja subseqüentemente contraída mostre características de depressão neurótica, com sintomas de

ansiedade. Quando a perda se deve a morte, qualquer doença que se desenvolva subseqüentemente poderá apresentar características de depressão psicótica. (Bowlby, 2001, p. 111)

Ansiedade, depressão ou até mesmo suicídio são os tipos mais comuns de problemas atribuídos aos rompimentos dos laços afetivos. Sabemos que crianças separadas das mães até os primeiros cinco anos de idade são frequentes em pacientes mais tarde diagnosticados como psicopatas ou sociopatas. Sabemos, também, que grandes perdas afetivas (poderão acarretar?) acarretarão, mais tarde, problemas potencialmente perigosos. Entre essas perdas faz-se necessário citar o luto e o pesar na infância.

6. A estrutura familiar percebida através da análise do desenho feito pela criança

O desenho infantil é considerado uma expressão do modo como a criança percebe e compreende o mundo, refletindo suas alegrias e frustrações, mostrando-nos pistas sobre seus problemas e anseios, e que possibilitam traçarmos diagnósticos sobre seus problemas emocionais. Então, é possível afirmar que o indivíduo desenha não só o que vê, mas também o que sente.

A área onde a utilização do desenho como técnica projetiva se mostra mais vantajosa é para as **crianças**. Isto de deve ao fato de que as crianças acham muito mais fácil expressarem-se através de desenhos do que de palavras. Crianças tímidas, de classe social inferior, as que frequentemente sentem-se inadequadas com relação a sua capacidade de expressarem-se verbalmente, crianças com deficiência mental e aquelas

com orientação concreta, sentem-se mais a vontade para se expressar e, portanto, mostra-se muito mais vantajosa a coleta de material para análise através do desenho.

De um modo geral, os indivíduos parecem mais intelectualmente conscientes de sua expressão verbal, enquanto que perdem um pouco desse controle em sua expressão criadora e motora, no desenho. O emprego do desenho como técnica projetiva impulsionou a descoberta de os conflitos mais profundos, frequentemente, se refletem mais prontamente no papel, segundo Campos (2000). Ressalta, ainda, que os desenhos apresentam-se como altamente sensíveis às tendências psicopatológicas, superando as outras técnicas projetivas nesse sentido.

Outro fator que se deve levar em consideração são os testes de desenhos aplicados de maneira coletiva. Foi observado que o teste aplicado em grupo tem como fator de vantagem uma distância emocional e física muito maior entre o examinado e o examinador. Esse tipo de teste apresenta consequentemente, uma produção mais fiel que o teste individual. O teste em grupo serve, também, para reduzir a influência do examinador no examinado e seus desenhos. Esse maior distanciamento permite evitar a influência contaminadora da personalidade do examinador.

Foi concluído que, nas pesquisas em que foram utilizadas a técnica projetiva do desenho, os desenhos são os primeiros a indicar sinais de psicopatologias e os últimos a perder os sinais da doença depois que o paciente se recupera, superando, assim, outras técnicas projetivas.

Essa técnica também mostra eficiência no reteste (termo usado por Campos, 2000). Ela é mais sensível em relação às mudanças terapêuticas e é menos influenciada pelas produções anteriores que podem contaminar o desenho presente. Mesmo que o indivíduo se lembre de outros testes, a presença da folha em branco permite que suas projeções sejam evocadas, desenvolvendo, portanto, uma menor probabilidade de

repeti-las. O método mais usado para a análise do desenho é através da exploração dos traços que representam uma árvore, uma casa e uma pessoa. Essa técnica é também chamada de HTP (*house, tree, person*) e todas as pessoas já desenharam esses símbolos e sabem como fazê-lo.

Cada um desses desenhos nos dá indícios da personalidade e dos desajustes que possui o indivíduo, bem como os possíveis problemas pelos quais estão passando. Tanto adultos quanto crianças revelam muito mais facilmente aquilo que sentem quando se expressam através do desenho.

A casa desenhada, na maioria das vezes, constitui um auto-retrato, expressando as fantasias, o ego, a realidade, os contatos e a acessibilidade. Expressa, também, a percepção da situação no lar-residência presente ou desejado para o futuro ou uma combinação de formas.

O teto da casa pode ser empregado pelo indivíduo para simbolizar o lugar que a fantasia ocupa em sua vida, ao passo que a ausência deste mostra a falta da fantasia e a quebra com o mundo exterior.

Com relação às paredes vem-se verificando que a força e a adequação das paredes da casa desenhada estão diretamente relacionadas com o grau da força do ego na personalidade. Contornos reforçados denotam pessoas hipervigilantes; fracos; denotam, também, a existência de um sentimento de crise iminente da personalidade.

A porta da casa é o detalhe **por meio do qual** do qual o indivíduo faz contato direto com o ambiente. Quando é muito pequena denota relutância em estabelecer contato com o ambiente e quando muito grande revela indivíduos dependentes. Entretanto, se há ênfase na fechadura, vai nos mostrar um indivíduo com sensibilidade defensiva, frequentemente aparente entre os paranóides.

A janela assim como a porta, é um meio (secundário) de interação com o ambiente. Janelas cruas revelam contato direto; são pessoas que não possuem muito tato. Se possuírem grades, vão revelar desejo de proteção e com cortinas nos mostram indivíduos com problemas somáticos, narcisistas ou exibicionistas. Contudo, se as cortinas estão parcialmente abertas denotam interação controlada com o ambiente.

A chaminé representada por pessoas bem ajustadas é apenas um detalhe na casa. Contudo, deve ser analisada quanto a sua forma no caso de um indivíduo com conflitos psicosexuais, uma vez que recebe a projeção dos sentimentos latentes da pessoa. Já a fumaça merece mais atenção, pois quando aparece em negrito indica grave conflito. Se dirigida para um lado como se sofresse ação do vento reflete sentimento de pressão e, frequentemente pode ser associada com as dificuldades de leitura, principalmente quando os pais pressionam a criança.

Outro detalhe importante no desenho da casa são os acessórios. Casas com árvores, flores e cercas denotam falta de segurança, tentativa de se proteger, protegendo a casa. Excesso de jardim indica repressão ou desejo sexual feminino. Florzinha e patinho no desenho da casa mostram imaturidade afetiva.

Para os antropólogos, a maneira como o indivíduo vê a árvore é muito significativa. No folclore, a árvore simboliza vida e crescimento. No folclore germânico, a árvore tem suas raízes na terra, simbolizando o primitivo; o tronco simboliza o humano e os ramos buscam o divino. O que sabemos é que quando alguém desenha uma árvore, ele seleciona uma entre as incontáveis que já viu e sua memória seleciona aquela com a qual a pessoa tem uma maior identificação. Verificamos que a árvore se projeta durante o processo tornando-a um verdadeiro auto-retrato. Quando não há galhos, o indivíduo não se expande no relacionamento com os demais. A árvore sacudida pelo vento ou danificada pela tempestade é um reflexo das pressões suportadas pelos indivíduos.

Mesmo de maneira geral é possível ter uma idéia do que o desenho transmite: harmonia ou inquietação; vazio ou plenitude; hostilidade e prevenção. Alguns desenhos serão um estudo do caráter, ao passo que outros constituem apenas contribuições ao diagnóstico da personalidade do indivíduo.

As cicatrizes no tronco da árvore dirão em que estágio da vida se revelou algum trauma ou alguma experiência dificultosa que marcou o indivíduo. O tronco simboliza a força interior do sujeito; a força do ego.

O tronco reto, bem proporcionado, é aquele que representa a personalidade em evolução. Contornos irregulares ou nódulos representarão situações traumatizantes.

Sua superfície raiada, rugosa, áspera ou cortada com diferentes traços nos mostra o contato entre o interior e o exterior do indivíduo. Superfícies com traços pontiagudos são particulares de pessoas mais diretas e agressivas; os traços curtos e arredondados demonstram facilidade em fazer amizades e para adaptar-se. Com sombreados é indicativo de grandes traumas.

A raiz corresponde à parte inconsciente do eu; às forças impulsivas; ao ID. A raiz de traço duplo e com linha da terra marcando a raiz abaixo do solo demonstra maturidade. As raízes quando visíveis denotam imaturidade. Quando saem do papel é normal até os dez anos. Já a falta de raiz mostra que o indivíduo não necessita de apoio, é auto-suficiente.

Quanto às características das copas, pode-se dizer que a copa esférica é mais frequente em meninos até sete anos, caso contrário indica puerilidade e falta de energia. A encaracolada com movimentos livres e oscilantes mostram fluência e velocidade; entusiasmo; exagero e romantismo.

A copa pequena é normal até os dez anos, além dessa idade denota imaturidade. A copa grande é indicativa de vaidade, exibição e entusiasmo. Traços pontiagudos na copa

mostram o indivíduo agressivo e com curvas ou quando é reproduzida em espiral remete-se a manifestações de doçura e de delicadeza.

Quando há uma linha separando a copa do tronco indica dificuldade e quase sempre uma neurose. Copa cheia de flores é sinal de imaturidade emocional. Entretanto, se a copa estiver vazia é a expressão certa do vazio de alma, visto que o espaço da copa é a expressão do indivíduo.

Os galhos revelam a capacidade de obter satisfação do ambiente, assim como os braços e as pernas, representados no desenho da pessoa, como verão mais adiante. A organização geral mostra o equilíbrio intrapessoal. Galhos e ramos são associados ao modo como nos relacionamos com os outros e com o mundo de maneira muito mais real e verdadeira. Dificilmente são camufladas as nossas intenções como é feito no desenho da pessoa.

Ramos envolvidos como chumaços de algodão, muito comuns, é de pessoas que atenuam suas intenções, são atenciosas, agradáveis e discretas. Quando os ramos são arranjados com harmonia imperam a calma e a serenidade bem opostas as que representam quando arranjadas em desarmonia. Já os ramos em forma de palmas mostram tendência ao fechamento; galhos muito longos, sem direção certa denotam tendência a fuga e a indisciplina, cautela. Quando os galhos são muitos altos e finos revelam indivíduos que buscam a satisfação na fantasia.

Galhos diminutos que saem do tronco mostram que o núcleo da personalidade tem sido lesado. Entre crianças reflete crescimento emocional bloqueado. Quando se dirigem altos para o sol é como um apelo da criança em busca de afeição. Quando o sol aparece grande e baixo, pesando sobre a árvore, é a criança intimidada por uma figura parental ou por outra que exerça sobre ela autoridade. A criança sente-se subjugada, controlada.

Folhas na copa denotam vivacidade e ostentação. Quanto aos frutos, é normal aparecerem no desenho até os dez anos. São desenhados de maneira muito grande. É o gosto pelo resultado imediato, característica própria da infância. Quando persiste até a fase adulta denota infantilidade e desejo de mostrar sua capacidade. Quando o desenho apresenta frutos que caem ou mesmo folhas é sinal de renúncia e sentimento de perda.

Acessórios nas árvores como ninhos revelam dependência; enfeites e adornos são típicos de pessoas que enfrentam os problemas brincando. Cercas pedem proteção. O sol é o símbolo paterno e quando há arvores dentro dos vasos, há crianças com distúrbios sexuais.

Quando se notam sentimentos de infantilidade ou imaturidade, verifica-se a necessidade de se notar, no indivíduo, após o término do desenho da árvore, qual é a idade que este atribui a ela. Os imaturos sexuais e os pedófilos dão, em média, dez anos para as árvores. Mostra-se comum, também, perguntar ao indivíduo se a árvore está morta ou viva. A árvore morta é mais frequente entre retraídos, esquizofrênicos, deprimidos e neuróticos que renunciaram à esperança de se ajustar, mostrando, também, comum entre os pedófilos homossexuais. A árvore morta no teste do desenho HTP é indicação de séria patologia.

Se a árvore foi morta por agentes externos, a tendência do indivíduo é culpar coisas externas a si como responsável por suas dificuldades. Se a causa é interna, o indivíduo encara a si mesmo como doentio e inaceitável.

No que tange à interpretação da figura humana, observamos primeiramente a proporção entre os desenhos feitos.

> A proporção simboliza o valor que o propósito atribui à figura desenhada. Se a mãe é desenhada em tamanho maior do que os outros membros da família, ela é tomada como figura dominante ou a figura que dá mais atenção ao propósito. (CAMPOS, 2000, p.82)

Se um irmão é desenhado pela criança maior que o pai, há em evidência o sentimento de ciúme ao passo que, se for desenhado em tamanho menor, o sentimento é de menos valia.

A figura do ser humano quando desenhada de frente e do próprio sexo significa resolução da fase edipiana e que aceita o mundo de frente. Perfil do corpo ou só do rosto indica desajuste ou dissimulação.

A figura ideal está de pé mostrando que o indivíduo possui força, energia e adaptação. A figura agachada ou sentada indica inibição, submissão e até idéias suicidas. Deitada, a figura do ser humano revela patologia na família; alguém pode, de fato, estar muito doente.

A transparência na figura humana pode ocorrer até os seis anos de idade de maneira normal. Quando a figura não aparece por inteiro, com partes omissas, por exemplo, braços e pernas revelam pessoas imaturas, que não querem tomar conhecimento do mundo. Denotam também problemas somáticos, neuroses.

Falando especificamente das partes do corpo, é na cabeça que está a maior parte do autoconceito do indivíduo. É a parte do corpo onde se localiza o eu. A cabeça exagerada é própria dos egocêntricos e narcisistas; quando é pequena em relação ao corpo tem o sentido de menos valia.

No desenho do rosto, os olhos fechados mostram imaturidade afetiva, os vazios revelam egocentrismo. Olhos bem trabalhados, especialmente desenhados por pessoas do sexo feminino, representam agressividade, assim como os olhos em negrito.

Quanto aos cabelos, desenhá-los ondulados revelam um indivíduo desinibido ou com desejo de chamar atenção; bem desenhados são provenientes de indivíduos de bom equilíbrio. O cabelo ralo ou grudado é sinal de problemas com a sexualidade. Colocar

óculos no rosto da pessoa demonstra uma necessidade inconsciente; um problema somático. O desenho do nariz está essencialmente ligado ao simbolismo sexual. Sua omissão indica um temor de castração. Em tamanho grande revela virilidade. Pequeno ou deformado pode ser indicação de fortes problemas sexuais ou sentimento de menos valia.

A boca refere-se ao dar e receber afeição, às relações sociais. Quando grande, indica inter-relação social ou acessos de mau humor. Se os lábios forem grossos indica agressividade, assim como a presença de dentes. Os dentes raramente aparecem antes do sete anos, exceto em psicopatas e pessoas imaturas afetivamente.

A omissão da orelha é comum; já sua ênfase é uma resistência a autoridade.

O pescoço "constitui uma zona de conflito entre o controle emocional e os impulsos corporais." (CAMPOS, 2000, p. 93) Normalmente não há muito que observar em relação a significação atribuída ao pescoço. Entretanto, quando dividido, em negrito, retocado ou com muito uso de borracha, indica sérios conflitos emocionais.

Braços e mãos relacionam-se ao desenvolvimento do eu e a sua adaptação social, ou inter-relação com o ambiente. A extensão, direção e influência das linhas dos braços relacionam-se com o grau e espontaneidade da pessoa no ambiente. A omissão dos braços mostra-se frequente no caso de rompimento com o mundo exterior. Também pode ser encontrado entre as pessoas com sentimentos de inferioridade, pessoas que não cumprem a palavra, psicóticos e esquizofrênicos. Com rapazes rejeitados pelas mães também pode ocorrer essa omissão dos braços. Quando os braços estão para trás, apresentando-se meio-omissos, associa-se àqueles que possuem falta de segurança e confiança. Um dos braços ou os dois para cima indicam fantasia por parte da pessoa. Com os braços em negrito vemos, novamente, o estado somático e de conflito. Os

braços rentes ao corpo é sinal de pessoas que fogem do meio. Braços muito longos mostram ambição e finos, indício de introversão.

A ausência das mãos ou seu contorno feito de maneira imprecisa tem o mesmo significado da ausência dos braços e as mãos nos bolsos indicam uma pessoa com grande auto-crítica e sentimento de inferioridade. As mãos fechadas mostram agressividade e repressão. As mãos desenhadas em perfil denotam grande índice de inteligência e as mãos para trás denotam um sentimento de evasão.

No que tange a representação dos dedos no desenho, se forem em formato de alfinetes mostram uma pessoa agressiva, no caso de surgirem alongados ou delineados e vagos mostram sentimento de menos valia e de culpa podendo indicar, em alguns casos, um grande equilíbrio (fidalguia). Dedos grossos e curtos são provenientes de um indivíduo cerceado, com agressividade reprimida e dificuldade de se relacionar. Unhas longas também revelam agressividade e sentimento de inferioridade.

As pernas e pés são fontes de dificuldades e conflitos dos indivíduos. Pernas desenhadas juntas indicam introversão e sentimento de isolamento e culpa. Pernas grossas e longas remetem ao desejo de fuga. Curtas ou separadas indicam problemas somáticos. Quando representadas arqueadas ou em sinal de movimento, as pernas indicam desajustes. Os pés, mais especificamente, indicam como está a segurança geral da pessoa. Quando representados garantem que a função social de quem desenha está em harmonia. Quando representados com qualquer excesso de detalhes indicam agressividade na área sexual. Estando omissos, pernas e pés mostram cerceamento e dificuldade de contato.

Quanto às roupas, excessos de botões, bolsos e lapelas revelam grande dependência, principalmente feminina, gerando conflito. Acessórios, em demasia, revelam problemas sexuais diversos.

Verificamos que, apesar de tantos detalhes no desenho revelarem a personalidade do indivíduo ou como este se comporta no momento, ajudando-nos, bastante, a identificar problemas que muitas vezes não se revelam numa entrevista oral, para este trabalho, a contribuição que se fez mais eficaz, em relação à significação impressa nos desenhos, ainda está por vir. Nesse sentido, constatou-se que foram as representações feitas no desenho da família que nos revelou como a criança sente e age frente a uma família onde os vínculos afetivos sofreram crises ou desajustes na sua formação e ou consolidação.

No momento em que se analisa o desenho da família, faz-se necessária a observância da ordem das figuras desenhadas. De acordo com a colocação das figuras no desenho, descobre-se o valor de cada membro da família para o indivíduo que a desenha.

Se uma figura aparece em negrito ou riscada há forte indício de graves problemas com a pessoa em questão. Quando a família aparece num quadrado, há um grande desejo de libertação; a criança não se ajusta à família. Quando uma figura desenhada tapa a outra figura está revelando-nos o ciúme do propósito. Circunscrever um membro da família indica um desejo inconsciente de eliminá-la ou até mesmo de indicar que ela esteja doente.

Quando o indivíduo se desenha em primeiro lugar denota egocentrismo e por último, cerceamento. Caso desenhe sua família só com as cabeças encontramos um sujeito inteligente e autocrítico; caso houver uma cabeça maior que as outras, a pessoa representada, portanto, é aquela com maior autoridade social dentro da família. No caso de algum membro se separar da família ou mesmo esta estar dividida, vai nos revelar uma fonte de conflito que deve ser investigada.

Quando a criança desenha flores no lugar das mãos pode indicar necessidade de afeto ou carinho da parte da pessoa que foi desenhada assim. Grandes unhas vermelhas na mãe

e/ou irmãs revelam que essas pessoas são vistas como agressivas ou o são, de fato. A ausência de mãos nas pessoas da família demonstra a falta de afeto que o indivíduo sente, ou pela qual está passando devido a um conflito familiar.

Levando tudo o que foi elencado acima, podemos inferir que todo conflito familiar pode ser procurado e achado no desenho de uma criança. Através da análise do desenho das pessoas, individualmente, também é possível encontrar esses traços.

Com o uso das cores não seria diferente, uma vez que a cor escolhida para pintar o desenho revela toda a carga emocional que este deve conter e a predominância de uma determinada cor ou conjunto de cores deve ser analisada com cautela.

O preto vai revelar medo, negativismo, ansiedade e até mesmo ódio. Cinza, tristeza e insatisfação. O azul denota o sentimento de calma e em profunda tristeza, beirando, até mesmo, a depressão. Também pode revelar controle se o tom do azul for frio. Azul celeste revela misticismo e combinado com amarelo, dificuldade e conflito.

O vermelho é a cor mais emocional. Denota agressão, destruição, força e vigor. "O interesse pelo vermelho decresce, à medida que a criança supera a fase impulsiva e ingressa na fase da razão e de maior controle emocional." (CAMPOS, 2000, p.108) O vermelho quando combinado com o amarelo revela agressão e hostilidade e com o preto, auto-agressividade e até mesmo tendência ao suicídio.

O verde mostra um indivíduo emocionalmente fraco, imediatista e com distúrbios digestivos e intestinais. Já o amarelo é o tônus vital, a alegria força e energia. A cor laranja é a repressão da agressividade e o desejo de simpatia forçada, revelando, também, alegria. A cor púrpura denota ansiedade e o roxo é próprio da paixão, mas também é paz e realização.

A preferência pelo marrom remete a fase anal e está ligada a culpa e ao sexo. A combinação de marrom com violeta ou azul revela grande depressão. É importante ressaltar que a recusa total da cor é própria dos neuróticos graves e psicóticos.

Considerações finais

Podemos concluir, a partir deste trabalho, que os primeiros vínculos afetivos começam mesmo a formar-se ainda no ventre materno, desenvolvendo-se, assim, com a primeira e principal experiência de consolidação dos laços afetivos que é o ato de nutrir. A amamentação, como ato de amor e dedicação entre mãe e filho, constitui a forma mais sublime e forte de estreitamento dos laços tão importantes no desenvolvimento saudável do indivíduo.

Conforme a criança cresce, esta começa a passar por experiências que desenvolverão seu lado emocional e que a constituirão como indivíduos saudáveis, porém, concomitantemente a esse crescimento, essas mesmas crianças passarão por experiências que macularão o emocional e até mesmo podem destruí-lo por completo comprometendo não só sua personalidade futura, mas também causando mesmo transtornos graves de comportamento.

Diante desse quadro, a família e as relações entre seus integrantes, como o campo mais fértil das relações estabelecidas, deveria representar, também, o campo mais seguro para o desenvolvimento de indivíduos mentalmente sadios

Uma dessas formas de agravamento encontra fácil terreno quando os pais se separam e o fazem de maneira egoísta e desrespeitosa para a criança. Mesmo quando tal ruptura se faz de modo bem articulado, ainda representa um motivo de grandes consequências

emocionais para vida da criança e do adolescente, entretanto se mal conduzida, as consequências futuras para os filhos podem ser ainda mais graves.

Fruto dessas desavenças e desestruturas familiar, não só a separação, mas também o terrível universo dos desajustes pelo qual a criança se vê obrigada a suportar em casa, o processo de aprendizagem na escola se agrava. A falta de interesse e atenção, frutos da preocupação que a criança tem quando recorda as desavenças em seu lar, colaboram de maneira avassaladora no mau aproveitamento escolar e nas relações sociais indispensáveis ao processo de desenvolvimento emocional saudável da criança.

Todo esse processo é facilmente reconhecido quando se realiza com uma criança, ou mesmo um adulto, o teste do desenho (HTP). Frente a uma folha em branco, e muitas vezes com a expressão oral comprometida pelo lado emocional, os indivíduos vão se revelar em seus desenhos, projetando, assim, fielmente os seus mais reprimidos sentimentos. A partir disso reconhecemos, muitas vezes, a representação e, consequentemente, a significação de um real relato do que estão passando, em termos de dificuldade em suas vidas ou pelas adversidades pelas quais já passaram, e que ainda não foram resolvidas, pois estão em latência.

Conhecer a criança desde o início é estreitar não só os laços de afeto, mas também os laços de compreensão mútua tanto para entender o choro de um bebê bem como um momentâneo afastamento de um filho com os problemas peculiares na adolescência. A criança precisa de um lar que contenha estrutura sólida, com rotinas, para que se sinta segura para brincar e viver suas fantasias e emoções. Para tanto, faz-se necessário afeto e segurança, por parte dos pais, para que uma criança cresça emocionalmente saudável.

Esse crescimento saudável das emoções, essa construção dos laços afetivos, essa preocupação com o desenvolvimento de uma criança começa desde o primeiro contato e

só é possível ver o resultado quando a mudança já se faz incompleta ou muitas vezes ineficiente.

Bibliografia

BOWLBY, John. **Formação e Rompimento dos Laços Afetivos.** Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Editora Martins Fontes São Paulo, 2001.

CAMPOS, Dinah Martins de Souza Campos. **O teste do desenho como instrumento de diagnóstico da personalidade.** Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2000.

DOLTO, Françoise. **Quando os pais se separam.** Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

KLEIN, Melaine**. A Psicanálise de Crianças**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

SEGAL, Hanna. **Introdução à Obra de Melaine Klein**. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

WINNICOTT, Donald Woods. **A família e o desenvolvimento individual.** Trad. Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora Martins, 2005.

______. **A criança e seu mundo.** Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Editora LTC, 2008.

______. **Consultas Terapêuticas em Psiquiatria Infantil**. Trad. Joseti Marques Xisto Cunha. Rio de Janeiro: Imago, 1984.

______. **Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas.** Trad. David Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

______. **Holding e Interpretação**. Trad. Sonia Maria Tavares Monteiro de Barros. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

______. **Natureza Humana**. Trad. David Litman Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago, s.d.

______. **O Ambiente e os Processos de Maturação**. Trad. Irineu Schuch Ortiz. Porto Alegre: Artmed, 1996.

______. **O Brincar e a Realidade**. Trad. José Octávio de Abreu e Vanede Nobre. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

______. **O gesto espontâneo.** Trad. Luís Carlos Borges. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

______. **Os Bebês e Suas Mães**. Trad. Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

______. **Pensando Sobre Crianças**. Trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artmed, 2004.

______. **Privação e Delinqüência**. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

______. **The Piggle: Relato do Tratamento Psicanalítico de uma Menina**. Trad. Else Pires Vieira e Rosa de Lima Martins. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

______. **Tudo começa em casa**. Trad. Paulo Sandler. São Paulo: Martins Fontes, 1999.